**AVALIAÇÃO DE LESÕES DE FELINOS COM ESPOROTRICOSE**

**MARONEZE, Beatriz Persici**

**SANCHES, Mariana Cardoso**

**JARDIM, Ícaro Cabral**

**OLIVEIRA, Andressa Cardoso de Cali**

**SCHROEDER, Tiago**

**VALLE, Bruna Daniela dos Santos**

**OSÓRIO, Luiza da Gama**

**MEIRELES, Mário Carlos Araújo**

**TELES, Alessandra Jacomelli**

[**beatrizpersici@gmail.com**](mailto:beatrizpersici@gmail.com)

**Evento: Congresso de Iniciação Científica**

**Área do conhecimento: Veterinária**

**Palavras-chave:** micose, gatos, *Sporothrix* sp.

1 INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma micose zoonótica, cosmopolita, comum na América Latina (QUINN et al., 2005; SCHUBACH, 2006). A infecção ocorre pela inoculação traumática do fungo *Sporothrix* sp. na pele ou tecido subcutâneo (SCHUBACH et al, 2008). O objetivo deste trabalho é descrever as lesões decorrentes da esporotricose em felinos.

**2 REFERENCIAL TEÓRICO**

A esporotricose é uma micose subcutânea causada por fungos do gênero *Sporothrix* (RESENDE & FRANCO 2001). Essa micose tem maior ocorrência em gatos, e sua transmissão para humanos tem sido descrita em diversos países (SOUZA et al., 2006). A infecção ocorre, principalmente, pelo implante traumático do fungo na pele (MADRID, et al., 2007).

O diagnóstico baseia-se na associação do histórico do paciente, sinais clínicos e identificação do fungo em tecidos do animal. A confirmação diagnóstica é feita com o isolamento do *Sporothrix* sp. através do cultivo micológico (NELSON & COUTO, 2006).

O itraconazol é o fármaco de eleição para o tratamento dessa enfermidade, pois apresenta efeitos colaterais reduzidos (CORGOZINHO et al., 2006). Em todos os casos, a administração dos medicamentos deve ser continuada por um período de até quatro semanas após o desaparecimento dos sinais clínicos (CRUZ, 2013).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

Este trabalho foi realizado em um abrigo apenas para felinos, os quais eram recolhidos para tratamento. Os quatro animais com suspeita de esporotricose e que apresentavam lesões compatíveis com a doença foram avaliados quanto a sítios anatômicos das lesões e características das mesmas, para posterior relação com o tipo de lesão e locais de maior prevalência. Coletou-se material biológico das lesões dos animais para o processamento micológico realizado no MicVet/UFPel e, posterior confirmação do diagnóstico.

4 RESULTADOS e DISCUSSÃO

Os felinos avaliados foram diagnosticados positivos para esporotricose através do isolamento de *Sporothrix* sp. no material examinado. A esporotricose pode se manifestar de três formas, sendo elas cutânea, cutânea linfática e disseminada. Dentre os felinos avaliados, um apresentava lesão próxima à cauda, dois lesão no plano nasal e um dos animais apresentava lesão disseminada pelo corpo. Concordando com Silva (2008), o qual descreve ocorrer lesões mais comumente no aspecto distal dos membros, cabeça ou base da cauda.

De acordo com Quinn (2005), o quadro inicial pode assemelhar-se a feridas decorrente de brigas, abscessos, lesões de celulite ou com tratos fistulosos que não são responsivas a antibioticoterapia, no entanto, podem evoluir para lesões ulceradas e com exsudatos purulentos que promovem a formação de crostas espessas o que confere com os animais avaliados, os quais em sua maioria apresentavam lesões crostosas e ulceradas.

Nos últimos anos, tem-se observado nos casos mais graves, que pode ocorrer a disseminação do fungo para órgãos como pulmões, fígado, trato gastrintestinal, sistema nervoso central, olhos, baço, ossos, articulações, rins, testículos, mama e linfonodos, levando à letargia, prostração, anorexia e hipertermia (CORGOZINHO et al., 2006).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados demonstram que em felinos com lesões cutâneas crostosas e ulceradas, principalmente na região da face, sugerem esporotricose como suspeita primária. Conclui-se que a análise das lesões, aliada a anamnese adequada e o exame micológico são de extrema importância para o diagnóstico definitivo da doença e estabelecimento da terapia adequada.

REFERÊNCIAS

CORGOZINHO, K. B., SOUZA, H. J. M., NEVES, A., FUSCO, M.A. & BELCHIOR, C. **Um caso atípico de esporotricose felina.** Acta Scientiae Veterinariae.n.34 (2), p.167-170, 2006.

CRUZ, L.C.H. **Complexo *Sporothrix* schenckii.** Revisão de parte da literatura e considerações sobre o diagnóstico e a epidemiologia. Vet. e Zootec. (Edição Comemorativa): n.20, p.08-28, 2013.

MADRID I.M., SANTOS JÚNIOR R., SAMPAIO JÚNIOR D.P., MUELLER E.N., DUTRA D., NOBRE M.O & MEIRELES M.C.A. **Esporotricose canina: relato de três casos.** Acta Scientiae Veterinariae. n.35 p.105-108, 2007.

NELSON, R. W.; COUTO, C.G. **Medicina interna de pequenos animais, 3 ed.** Rio de janeiro: Guanabara koogan, 1325p, 2006.

QUINN, P.J. et al. **Microbiologia Veterinária e doenças infecciosas.** Porto Alegre: Art-med, p. 366-371, 2005.

RESENDE, P. P.; FRANCO, A. V. **Esporotricose cutâneo-linfática.** Caderno Brasileiro de Medicina, v.14, n.1,2,3 e 4, jan./dez, 2001.

SCHUBACH, T.M.P Esporotricose. **Boletim ANCLIVEPA-RJ**. n.13, p. 12-14, 2006.

SCHUBACH, A.; BARROS, M.B.; WANKE, B. Epidemic sporotrichosis. **Current Opinion in Infectious Diseases**, v. 21, n. 2, p. 129- 133, 2008.

SILVA, J.N.; SCHUBACH, T.M.P.; Esporotricose conjuntival felina; *Acta Scientiae Veterinariae;* 36(2): 181-184; 2008.

SOUZA, LL; NASCENTE, PS; NOBRE, MO; MEINERZ, ARM; MEIRELES, MCA. **Isolation of *Sporothrix* schenckii from the nails of healthy cats.** Brazilian Journal of Microbiology, v.37, p.372-374, 2006.